Df-Cinema

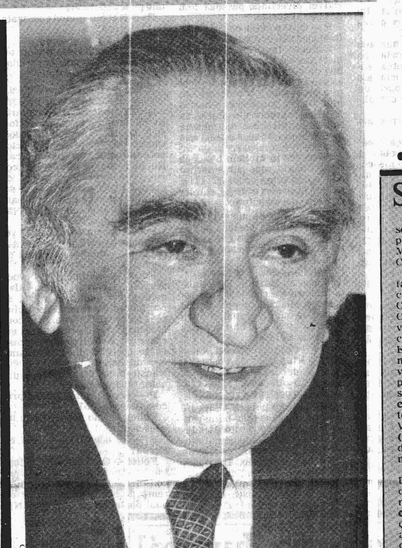
Brasília Maria de Góes, personagem de "Aurora da Minha Vida"

FILMANDO BRASÍLIA

Ferreira Gullar

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Da Editoria de Cultura

Ferreira Gullar, Brasília Maria de Góes, Cora Coralina, a epopéia da construção da nova capital brasileira, os corredores do Setor de Diversões Sul, o popular Conic, são alguns dos temas de novas realizações do cinema brasiliense, que deverão chegar aos festivais no correr deste ano. Aos cinemas comerciais, dificilmente chegarão, por serem produções em 16 milímetros, de curta e média-metragens



ARQUIVO

Castelinho conversa com Pedro Jorge sobre história brasileira

Brasília é o tema e celeiro da maioria das produções que estão em fase de filmagem, finalização ou lançamento: **Brasilários**, Obscena, Aurora da Minha Vida, Meu Querido Diário, Infância, Heins Forthman, Divida Paga com Sangue, Conversa com Castelo e Os longas Admiráveis Abomináveis e Conterrâneos Velhos Guerra. Os outros ficam na região Centro-Oeste (Cora Doce Coralina e círculo de Fogo, em Goiás Velho; e a Terceira Margem do Rio, no Araguaia). Só dois curtas de Pedro Jorge têm temas ligados à História e à Arquitetura? (Quem é Santos Dummont? e Fazenda Pau D'Alho).

Brasilários, 10 minutos, é a estréia no 16 milímetros da diretora Zuleica Porto, autora dos festejados **Caleidoscópio** e **O Crime Azul**, ambos em S-8. E, também, a estréia cinematográfica do crítico do **CORREIO BRAZILIENSE**, Sérgio Bazzi. Juntos, Zuleica e Sérgio elaboraram o roteiro, tomando escritos de Clarice Lispector (1925-1977) como fonte. No filme, Cláudia Pereira interpreta as emoções vividas por Clarice nesta cidade que a intrigava e assustava. A fotografia é de Jacques Cheuiche e a montagem de Hugo Franco. A trilha sonora é de Guilherme Vaz e a produção de Romário Schettino e Cláudia Pereira.

O projeto nasceu em 1983, quando Sérgio e Zuleica escreveram o roteiro. As afinidades mostraram-se tão evidentes, que resolveram desenvolver direção a quatro mãos. Com o prêmio no concurso Ceprocine/FCDF, as filmagens aconteceram em julho passado. As dificuldades com equipamentos foram grandes, lembra Sérgio, e tornaram-se, ainda maiores, nas etapas seguintes: laboratório e montagem. As mesmas dificuldades previstas para a finalização. Para tais etapas, os produtores recorreram a um empréstimo no BRB e conseguiram apoio da IBM. Mesmo assim, os problemas financeiros continuam e se agravam devido aos constantes estragos na moviola do Ceprocine. Enquanto isto, lamenta Bazzi, fica o desgaste de estar esperando a conclusão do filme, há meses. O primeiro prejuízo: **Brasilários** não ficará pronto a tempo de participar do Festival de Gramado (as inscrições encerram-se no dia 10 de março, e o certame acontece de 7 a 13 de abril).

Apesar do desgaste, Bazzi está entusiasmado com o resultado do filme:

— **Brasilários** talvez possa ser definido como um passeio poético e antituristico por Brasília, tendo como cicerone uma escritora/ouvinte/atriz, Clarice Lispector esteve aqui por apenas duas vezes (62 e 74), duas rápidas temporadas que foram suficientes para ela descrever a cidade, num texto delirante — do qual utilizamos apenas algumas frases. Tentamos fugir do "literário", ou seja, nos recusamos a usar o texto como suporte das imagens. Na verdade o texto apenas um pretexto, ou seja, um ponto de partida e não um ponto de chegada. **Brasilários** pretende ser não uma adaptação literária, mas sim uma recriação cinematográfica do texto de Clarice.

INFÂNCIA

Infância, filme de Nevinho Alarcão, pode ser uma das surpresas deste ano. Brasiliense, nascido em 1958, tempos pioneiros, ele se apaixonou pelo cinema. Na UnB, onde estuda no Departamento de Comunicação, preparou roteiro tendo a cidade como tema. Colheu imagens na Rodoviária e viu o projeto crescer, a ponto de ser premiado no Concurso de Roteiros Ceprocine/FCDF.

No projeto que está em fase final de filmagem, Nevinho Alarcão toma Ferreira Gullar como um dos pontos de sustentação do filme. No Rio, colheu longo depoimento do criador do **Poema Sujo**, que será amalgamado com imagens de violeiros da Ceilândia, flashes da vida na Estação Rodoviária (em especial de seus fotógrafos lambe-lambe), e, é claro, da arquitetura de Niemeyer.

O nome **Infância** vem de reminiscências do cineasta, que viveu Brasília desde as primeiras horas. Gullar entra como primeiro diretor da Fundação Cultural. A cidade destaca-se com seu espaço e imagens, como cenário especial, onde a Rodoviária é a gênese de tudo. Afinal, foi de um trabalho na Universidade, na busca de material dramático na Estação Rodoviária, que nasceu **Infância**.

Nevinho Alarcão calcula em 60 milhões de cruzeiros o custo total de seu filme, que ele quer ver finalizado em agosto, para participar da Jornada de Cinema de Salvador (setembro) e do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (outubro). O filme conta com um único ator, que insere momentos ficcionais no documentário (Delson Antunes), tem co-produção de Vladimir Carvalho, fotografia de Marcos Euricio, assistência de direção de Valério Borges; assistência de produção de Wladimir Dina, Luis Gomes e Margaretn Vitória.

AURORA

Outro filme que tem muito a ver com Brasília é **Aurora da Minha Vida**, de Oleconda Caputo e Sérgio Moriconi. O filme parte de personagem muito especial na história da cidade — Brasília Maria do Góes — a primeira criança registrada na nova capital, em 21 de abril de 1960, e batizada por Juscelino Kubitschek. Os autores do filme foram à Ceilândia, 25 anos, depois encontrar Brasília, hoje uma mulher casada, residente no Setor P, em casa doada pelo Governo. Ela trabalha como atendente no Centro de Saúde de Ceilândia.

Aurora da Minha Vida é um misto de documentário e ficção, que utilizará cenas de cinejornais da época da construção de Brasília, e que deverá ficar pronto antes da Jornada de Cinema de Salvador. O filme tem fotografia do goiano Antônio Segatti (autor da magnífica fotografia de **Antártida**, de Lyonel Luccini), som de Alberto Nascimento, assistência de produção de Márcio Curi (que fará, ainda, a montagem).

Originalmente, o filme de Gioconda e Moriconi se chamaria **Desperta ó Gigante**. Aliás, foi com este título que foi premiado no concurso de roteiro do Ceprocine/FCDF. Depois, os autores resolveram mudar o nome para **Aurora da Minha Vida**, verso da poesia **Meus Oito Anos**, de Casimiro de Abreu. Sérgio Moriconi acha o título interessante na medida em que o poema do romântico Casimiro traz visão idealizada da infância. Uma visão que estará no filme, só que somada ao outro lado, o da realidade crua e dura. Lado aliás, que Ítalo Moriconi, irmão do cineasta, expressou num poema publicado na revista **José**, onde mostra a outra face da infância — o período penoso de construção da identidade, dos traumas, das inseguranças.

Gioconda lembra que o nome do filme "está sujeito a mudanças, se houver algum impedimento autoral", lembrando, por exemplo, o texto de Naum Alves de Souza, enorme sucesso teatral. Sérgio torce para que não haja impedimento, pois o título enriquece a idéia do filme.

— **E que idéia é esta?**

Moriconi: Nossas pesquisas mostraram que Brasília Maria de Góes, durante boa parte de sua vida, serviu como símbolo da nova capital. Por isto, ela criou muitos sonhos e expectativas. Desses sonhos, nenhum se realizou, já que hoje ela vive modestamente, numa casa no Setor P. Quando ela fala de seus sonhos, lembra que queria ter cursado a universidade, enfim, vivido a vida que ela experimentou por uma noite, quando dançou a valsa dos 15 anos com o governador Elmo Serejo Farias.

Esta cena, aliás, lembra Gioconda, será recriada ficcionalmente; tendo ao fundo painel do artista plástico Paulo Andrade. Brasília será interpretada pela atriz Carmem Morethzon. O painel de Andrade sintetizará, em cores vivas, o Brasil dos anos 60, quando Brasília tornou-se realidade. Indios, bailes de debutantes, concursos de miss, a arquitetura de Oscar Niemeyer, o presidente pé-de-valsa que os mais íntimos chamavam Nonô, unem-se com força simbólica, em busca de um tempo em que o Brasil queria crescer 50 anos em cinco.

O depoimento colhido pelos cineastas, em Ceilândia, entram Brasília com seu discurso pontilhado de contradições. Ela lembra a infância; o pai, transportador de verduras, a valsa dos 15 anos, momentos de sonho e momentos de dura realidade.

— Queremos, no filme, confundir a vida da menina Brasília com a cidade. Afinal, ambas se alimentaram e se alimentam de sonhos e de realidade. No próprio depoimento de Brasília Maria há um trecho onde diz que se sente como se fosse duas Brasília. Quando está na Ceilândia, é uma, quando está no Plano Piloto, é outra.

Moriconi prevê que **Aurora da Minha Vida** tenha duração de 15 minutos e custo médio de 60 milhões de cruzeiros.

DIVIDA E SANGUE

A dupla Armando Lacerda e César Fonseca, que realizou o curta **Arraes Tal**, volta, este ano, com novo filme: **Divida Paga Com Sangue**, cujo intérprete constitui-se em atração especial. O personagem deste curta que tem nome de filme de bangbang é Aluisio Mendes, o Batata, que morreu dois anos atrás, no início de uma carreira das mais promissoras.

Armando Lacerda não tem grandes propostas para o filme. Nem pensa inscrevê-lo em festivais:

— Este filme tem um valor afetivo. O importante é arquivar uma cópia no Teatro Clausio Batata (no Centro de Convenções) e ter uma conosco. O filme não foi concluído segundo o roteiro, porque o Batata morreu durante as filmagens. E claro que encontramos situação que fecha o filme e nos satisfaz. Mas reafirmo que é um filme muito especial.

César Fonseca, autor do roteiro, prefere sintetizar o filme com o entusiasmo de quem o viu dezena de vezes na moviola e gosta muito do resultado: "**Divida Paga com Sangue** é um roteiro do subdesenvolvimento econômico do Terceiro Mundo. O indivíduo, como não poderia deixar de ser, encontra-se em situação semelhante à do seu próprio pais, isto é, durango kid".

E narra o desdobramento da história:

— Do alto de seu pobre apartamento, fumando um baseado, o personagem de Batata observa a cena lá em baixo. Passeata de trabalhadores. FMI, arrocho salarial, melhores condições de vida, desobediência civil ao status quo, apelo em favor da nacionalização dos bancos, fim da agiotagem.

Telefone toca. É o gerente cobrando uma velha divida. Batata está com um velho papagaio no banco. Não tem como pagar. Choro de crianças, mulher gritando. Como pagar. Faca na cintura, Batata veste o paletó e sai pra rua. Pega um ônibus e acompanha no trajeto, a miséria social: passeata, pedintes, crianças abandonadas e lavadores de carro.

Onibus para atrás do Congresso. Batata entra no Senado. Depoimento de Delfim. Rola o papo de submissão ao FMI. Justificativas oficiais sobre a presença de Ana Maria Jul vasculhando as finanças. A tudo, o olhar de desdém do pobre endividado.

Cabeça cheia, humilhado, pensando na penúria familiar, revirando papéis velhos, refazendo contas antigas, Batata retoma o seu roteiro, Brasília passando nos seus olhos, paisagens, jardins, beleza do cerrado.

Setor Comercial. No Banco: gerente (Pingo), inquieto, autoritário, manda Batata entrar sem olhá-lo. "Senta aí". Está dependurado no telefone, ameaçando Delfim Netto e Ernane Galvêas. "Se não me pagarem acabo com vocês, eu manipulo os cordéis da política econômica do Brasil. Corte. Telefone toca. "General"!! O gerente tinha um esquema de corrupção com alguns militares. Empresitou, melhor dou, 1 milhão de cruzeiros. Mato Grosso. Fica sabendo que o país honrará a divida de qualquer jeito, mesmo que através do sacrifício do povo. "General, o seu é o máximo". Batata escutando.

Telefone no gancho. Papo do gerente com Batata. Este equipa: não posso pegar. Se vira, reclama o gerente. Vocês já levaram tudo que eu tinha, não posso entregar nem pagar mais nada. "O sacrifício é uma necessidade inevitável. Bate-boca infernal por alguns segundos. Batata puxa a faca e desfere violentos golpes. Pingo estrebucha. O sangue escorre. A divida está paga".

OBSCENA

O cineasta João Lanari acaba de realizar seu segundo filme, tendo Brasília como tema e espaço: **Obscena**. O primeiro foi **Mínima Cidade**. A nova produção foi realizada em 16 mm, tem 10 minutos de duração, fotografia do paulista Chico Magaldi, elenco brasiliense, montagem de Hugo Franco e pretende ser "um filme que recrie os clichês do cinema policial dos anos 50".

A história se passa no Setor de Diversões Sul, nos edifícios do CONIC. Lá o personagem vivido por Alexandre Ribondi caminha pelos corredores, uma moça interpretada por Ligia Verdi. Ele consegue capturá-la e le-la a um escritório, onde pretende estuprá-la. O ato é feito. A seqüência, porém, é ambígua, pois a moça, mesmo vivendo processo de violentação, chega a ter prazer. E neste processo cria um terceiro personagem, interpretado por Luis Guilherme. Ele participa da orgia, que culmina com o assassinato da moça e... do final, os dois rapazes se beijam. Esta trama será embalada em tom de brincadeira com a sexualidade, num clima meio thriller, em preto-e-branco marcado por claros e escuros, lançando mão de estrutura que rompe com a expectativa do público.

Lanari, que é diplomata e professor na UnB, está de partida para os EUA, onde servirá no Consulado de Nova Iorque. Ele leva o filme debaixo do braço, para que lá seja feita a transcrição do som magnético para o ótico, conseguindo qualidade de primeira grandeza. Dentro de um mês, no máximo dois, espera ter cópias prontas. Espera, ainda, que o filme seja premiado pelo jurí do Concine (Conselho Nacional de Cinema), de forma que consiga ampliá-lo para 35 milímetros e mostrá-lo ao público. E conclui: "Pra este filme tendo como público-alvo, o espectador comum. Aquele espectador desprevenido, que vai ao cinema ver um longa-metragem e encara o curta como uma pílula obrigatória".

DIARIO QUERIDO

Brasília é, também, o cenário de **Meu Querido Diário**, filme de estréia de Fernanda Cobra, estudante de Comunicação da UnB. A autora, depois de dois anos de batalha, está com o filme concluído. Semana passada, promoveu sessão fechada para amigos, que classificaram sua estréia como promissora, vislumbrando no filme momentos de grande qualidade.

Meu Querido Diário tem roteiro de George Duarte e Fernanda Cobra. Fernanda cuidou, ainda, além da direção, da produção executiva e da montagem. O filme foi fotografado por Jorge Martins Rodrigues. O som é de Francisco Pereira de Souza e o elenco estão Maria Coeli e B. de Paiva, nos papéis principais e vários atores coadjuvantes, todos brasilienses.

Fernanda fala de seu trabalho: "Meu Querido Diário aborda o problema da classe média, que nos anos 60/70, teve esperança no milagre brasileiro. Porém nos anos 80, vê-se destituída de esperanças e sem condições materiais para o consumo. A personagem central, Mercedes Maria, assume este desespero e consome tudo o que acha ter direito, no dia em que teve oportunidade de fazê-lo. Ela é uma mulher que não tem objetivo de vida, pois os filhos já cresceram, tornando-se universitários. O marido é um burocrata de ministério, que não tem mais tempo para ela".

Com este filme, Fernanda pretende atingir, em especial, o público feminino, por abordar os problemas de uma mulher de 50 anos, que se vê sem perspectiva de vida, mas carregada de fantasias. Sem no entanto, poder concretizá-las.

FORTHMAN

O cineasta Marcos Mendes, autor de **Seu Ramulino**, está realizando um média-metragem (**Heins Forthman**) que pretende, em 40 minutos, mostrar um pouco da vida do fotógrafo, professor e diretor de cinema alemão, radicado no Brasil desde os 17 anos. Forthman nasceu em Hannover, em 1915, e morreu em Brasília, em 1978.

Marcos Mendes conheceu-o como professor da UnB, onde foi um de seus alunos mais dedicados. No começo dos anos 80, o cineasta estava em Paris, cursando pós-graduação em cinema e já alimentava a idéia de realizar filme onde pudesse mostrar parte do acervo cinematográfico e fotográfico de Forthman.

Hoje, já conta com uma hora e 15 minutos de material filmado. Grande parte compõe-se de depoimentos de amigos do alemão que escolheu o Brasil para viver quase 50 anos de sua vida. Sobre ele, falam o cineasta Vladimir Carvalho, os antropólogos Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira; os fotógrafos Luis Humberto e Domingos Lamônica e a viúva, Dona Rosa Forthman. Mendes vai colher, ainda, depoimentos dos caciques Takuman e Kanoto, de nações xinguanas onde Forthman desenvolveu importante trabalho de documentação etnográfica, e do sertanista Orlando Villas-Boas.

Heins Forthman, que tem fotografia de Tuker Marçal e José Mauro, som de Alberto Nascimento e Silvia Alencar, montagem de Manfredo Caldas, e still de José Barra, deverá ficar pronto em setembro, a tempo de participar da Jornada de Cinema da Bahia. O cineasta pretende, ainda, levar o filme ao Festival do Cinema do Real, na França, que nutre interesse especial pelo filme de documentação etnográfica. O novo filme de Marcos Mendes tem em sua estrutura, quatro tipos de material: trechos dos filmes de Forthman, como **Karup, Funeral Bororo** e **De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler**; fotos de sua vida na Alemanha e no Brasil; depoimentos de pessoas que conviveram com ele; e documentação de locais onde trabalhou, como o Museu do Índio e o Departamento de Comunicação da UnB.

O cineasta espera que seu filme chegue à TV e que seja visto em circuitos cinematográficos especiais como o universitário, em especial entre interessados por Fotografia, Cinema e Antropologia.

CASTELINHO

O cineasta Pedro Jorge de Castro, que está se preparando para lançar, m es que vem, no Nordeste e Extremo Sul, o filme de longa-metragem, **Tigipió**, premiado nos Festivais de Brasília, do Rio e Havana, pretende terminar, este ano, três filmes de curta e média-metragens: **Conversa com Castelo, Fazenda Pau D'Alho** e **Quem É Santos Dummont?**

Conversa com Castelo, como o nome indica, é um longo bate-papo com o jornalista Carlos Castelo Branco, que será enriquecido pela inserção de imagens da vida em Brasília, colhidas nos últimos anos. A conversa vai do suicídio de Vargas até o governo Jânio Quadros. Quando Castelinho retornar dos EUA, onde está em tratamento de saúde, Pedro pretende retomar o projeto para filmar a segunda parte da conversa: de Jânio até a Nova República. Quando dispuser de todo material filmado, o cineasta decidirá se fará dois médias (de meia hora cada um) ou três curtas (**Conversas com Castelo I, II** e **III**).

Fazenda do Pau D'Alho é um filme em cores, de 9 minutos, realizado com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior), que documenta a arquitetura de uma fazenda dedicada à monocultura da cana, no interior paulista. A Fazenda seria transformada num centro de trabalho, onde se alojariam profissionais ligados à Capes. O projeto não vingou, mas o filme está aí, já próximo da cópia final.

Quem Foi Santos Dummont? tem metade de seu material filmado em Paris (1979) onde Pedro Jorge colheu depoimentos de franceses que conviveram com Santos Dummont e registrou lugares freqüentados, cotidianamente, por ele.

Para concluir o filme, o cineasta registrará cenas em Petrópolis e Minas Gerais, onde Santos Dummont viveu, e colherá depoimentos de brasileiros sobre sua vida e paixão pela aviação. Deve fazer isto este ano, enquanto cuida do lançamento nacional de **Tigipió** e prepara seu segundo longa: **A Décima Noite**, baseado na obra de Josué Montello.

CENTRO-OESTE

O físico e professor da UnB, José Acioli terá, em breve, a cópia final de seu novo filme: **A Terceira Margem do Rio**, baseado num conto de João Guimarães Rosa. Rellizado às margens do Rio Araguaia e numa fazenda perto de Aruanã, o novo filme de Acioli, 25 minutos, conta com elenco desconhecido, onde destacam-se quatro atores em papéis importantes e 15 em papéis coadjuvantes. O filme foi fotografado pelo goiano Naves Ximemes, com assistência de Marcos Euricio.

Acioli calcula que o custo final do filme seja de 130 milhões. Destes, ele entrou com a maior parte, somada ao prêmio do Concurso Ceprocine/ FCDF e a uma ajuda da Fundação Balocchi.

O primeiro filme de Acioli, em 16 mm, **Cruviana**, também baseou-se em obra literária. Quando leu **A Terceira Margem do Rio**, apaixonou-se e quis logo filmá-lo. Os amigos desaconselharam, lembrando que era um conto de difícil recriação cinematográfica, por não ter, praticamente, ação nenhuma. O cineasta impôs o desafio e concluiu que o resultado foi muito bom, embora lembre que o filme não tem grande apelo popular. **A Terceira Margem do Rio** trabalha com o mínimo de diálogos e os atores foram orientados por João Antônio, diretor de teatro brasiliense.

Outro diretor que buscou, no Centro-Oeste, seu tema, é o cineasta da TV Globo, Vicente Fonseca, o Gaúcho. Ao longo dos três últimos anos, dedicou-se com afinco, à realização de **Cora Doce Coralina**, estre como mostra a poeta de Goiás Velho e as ruelas e becos de sua cidade, somados a versos telúricos e singelos.

O filme deve ir ao Festival de Gramado, já que Gaúcho sempre o vem, vai ao Rio, buscar a cópia final. **Cora Doce Coralina** foi feito em 16 mm, tem 12 minutos, fotografia do próprio Gaúcho, coordenação de Armando Lacerda, produção de Ronaldo Duque, som de Francisco Pereira de Sousa e Waldir Pina, e participação de César Vieira, o poeta goiano. O ator J. Pinto é responsável pela narração de trecho de crônica que Carlos Drummond de Andrade dedicou à autora de **Oração do Milho**.

O brasiliense Jorge Martins Rodrigues apresentará, ao longo deste ano, dois filmes brasilienses: **Serra Velha dos Crisálidas** e **Papagaios de Guerra**, produções concluídas ano passado, que foram ao Festival de Fortaleza, no Ceará.

Aos poucos jovens realizadores vão documentando a paisagem e a gente brasilienses, em filmes de curta e média-metragens. A cidade futurista, cercada de favelas, continua intrigando o imaginário da maioria. Por isto, as novas produções falam dos pioneiros nordestinos, da "Cinderela" candanga que dançou com o Governador, dos projetos dos idealizadores da nova Capital e de cordelistas de Ceilândia.

Som de Guilherme Vaz

Guilherme Vaz está de volta à Brasília, depois de longa ausência. E agora, veio, espera-se, para ficar. Sua volta se faz presente na trilha sonora do filme **Brasilários** e na Escola de Música, onde coordena o recém-criado Núcleo de Música Contemporânea.

Brasiliense de primeira hora, este mineiro (de Araguari) faz parte de uma geração que viveu a utopia de Brasília, no calor da hora de sua implantação. Foi aluno dos mitológicos CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio) e ICA (Instituto Central de Arte) da UnB. Com a crise desta Universidade, viu-se obrigado a transferir-se para Bahia, onde concluiu seu curso de Música. De Salvador, rumou para o Rio de Janeiro. E foi no Rio, no final dos anos 60 e correr dos anos 70, que mostrou seu talento, transformando-se numa das vozes da vanguarda brasileira, através de instigantes trilhas sonoras para cinema. Cuidou dos sons e ruídos de dois filmes de Nelson Pereira dos Santos (**Fome de Amor** e **Azylio Muito Louco**); de Júlio Bressane (**O Anjo Nasceu**), Antônio Carlos Fontoura (**A Rainha Diaba**), André Faria (Prata Palomares), Vera Figueiredo (Feminino Plural), e Paulo Matins (**Ipanema Adeus**). No terreno do curta-metragem, musicou dois filmes de Lyonel Luccini (**Tsuma** e **Antártida**), um de Leonardo Bartucci (**Via Crucis**) e agora, **Brasilários**.

Sobre o trabalho mais recente, Vaz comenta: "O Sérgio Bazzi, desde a fase de roteirização do filme, esperava contar com a minha participação na feitura da trilha sonora. Ele conhecia meu trabalho e, em especial, a trilha de **O Anjo Nasceu**. Dentro da percepção dele, **Brasilários** teria intervenções musicais na linha das dor obra do Bressane. Vi, então, as imagens no copião e senti que o filme precisava de arrojada banca sonora para tornar-se ainda mais forte. Para criar a trilha de **Brasilários**, trabalhei sobre a afetividade, que perpassa o filme num clima meio surreal".

Agora que está radicado na cidade, Guilherme escreve roteiro e deve dirigir, brevemente, seu primeiro filme (um curta-metragem). Prepara-se, também, para ministrar curso sobre som e cinema, no Cinedubs Glauber Rocha, que funciona no Instituto Nacional do Livro (INL, 507 Sul). Só pelo título, já dá para saber que vem novidade por aí: **Som em Cinema — Contraponto Bestial.**

No mais, o músico contemporâneo, ele é, continua atuando. Neste momento, prepara concerto inteiro para apresentação, ainda este ano, no Teatro Nacional, e trabalha na Escola de Música de Brasília.

Aliás, o trabalho na EMB deixa Guilherme eufórico: "a nova direção, coordenada por Carlos Galvão, virou a Escola de cabeça para baixo, transformando-a na instituição do gênero mais moderna do país. Estou me colocando inteiro e de madeira muito feliz no meu trabalho no Núcleo de Música Contemporânea. É fascinante o contato com alunos, muitos oriundos das cidades-satélites. E percebi vê-los em criativo confronto com as linguagens musicais mais avançadas do século XX".

Neste contexto Guilherme torce para que filme "a experiência da EMB continue e possa dar os frutos almejados cotidianamente". Afinal, afirmada, "no Brasil, as investidas no novo consumam ser muito instáveis".

Guilherme Vaz

ROGERIO MARÇONADO

Cláudia Pereira em "Brasilários", de Sérgio Bazi e Zuleica Porto

Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes, Ronaldo Duque e Joatarres Camargo preparam filmes de longa-metragem, que devem chegar ao circuito dos festivais, até março do próximo ano. Vladimir conta a aga da construção de Brasília em "onterrâneos Velhos de Guerra". Geralo filma a procissão do fogaréu em Goiás Velho, com Paulo José. Duque narr episódios da Guerrilha do Araguaia, e "Xambioá". Camargo discute o consumismo em "Admiráveis, Abomináveis"

Cora Doce Coralina, no filme de Vicente Fonseca, o Gaúcho

Mais quatro longas

Se tudo der certo, até o final do ano, mais tardar no início de 87, a cidade poderá assistir às pré-estréias de quatro longas. O primeiro a ficar pronto deve ser **Admiráveis Abomináveis**, filme de ficção de Jotaerres Camargo, responsável por dois médias, **Rejeição** e **Clube da Existência**.

Jotaerres é um caso raro no cinema brasiliense. Mergulhado em seus conflitos interiores e numa singular visão do mundo, ele continua, apesar de todas as dificuldades, realizando filmes incompreensíveis para uns e engraçados para outros.

Desta vez, fará um filme de 70 minutos, que deverá ser fotografado pelo experiente Antonio Segatti e estrelado por atores de teatro brasilienses. Mais uma vez, seu roteiro gira em torno de "pessoas consumidas opondo-se a pessoas que acreditam numa vida livre do império do consumo".

Outro filme que pode ficar pronto este ano é **Xambioá — Guerrilha do Araguaia**, de Ronaldo Duque. O cineasta cuida, nesta quinzena, da realização in loco das entrevistas finais, necessárias para rememorar a saga de um grupo de guerrilheiros do PC do B (Partido Comunista do Brasil) que instalou a guerrilha em regiões do Rio Araguaia, gerando um dos episódios menos conhecidos da história brasileira. Tamanho foram a repressão e o segredo que os militares lhe impuseram. Se tudo der certo, o montador Márcio Curi sentará, na moviola, no próximo mês e, no segundo semestre, Xambioá chegará aos festivais.

O cineasta Geraldo Moraes, autor de **A Difícil Viagem**, já está com as mãos na massa para realizar seu segundo longa: **O Círculo de Fogo**, estrelado por Paulo José, Cássia Kiss (a confirmar), Roberto Bonfim, Edney Giovenazzi, Malu Moraes, Venerando Ribeiro, Sheila Aragão, entre outros. Com o fotógrafo Walter Carvalho, Geraldo parte, na Semana Santa, para as primeiras cenas do filme (que na montagem serão as últimas), em meio às celebrações da Procissão do Fogaréu, em Goiás Velho. O ator Paulo José já está se preparando para estrelar o novo filme de Moraes, professor da UnB, que calcula gastos de três bilhões de cruzeiros na nova produção.

1986 marcará o final das filmagens de **Conterrâneos Velhos de Guerra**, quarto longa-metragem de Vladimir Carvalho (O País de São Saruê, o Homem de Areia e Evangelho Segundo Teotônio). Há 14 anos que Vladimir documenta, por conta própria, acontecimentos da história de Brasília, em especial a epopéia dos nordestinos, seus conterrâneos, que ajudaram a erguer a mais moderna cidade do mundo.

Para encerrar o filme, o cineasta encontrou a hora adequada: as primeiras eleições da história de Brasília, em novembro próximo, quando serão eleitos oito deputados e três senadores. A partir de tal documentação, Vladimir terá, nas mãos, 12 horas filmadas, que serão sintetizadas num filme de menos de duas horas. Primeiro, ele fará uma pré-montagem. Depois, com Eduardo Leoni, da USP, reparte os meses de dezembro, janeiro e fevereiro na montagem desta sonhada "saga de Brasília, da construção da cidade à construção da cidadania". Mas há um detalhe: se não conseguir recursos para filmar as eleições de novembro e finalizar o filme, Vladimir terá que esperar mais algum tempo, além do prazo, por outro desfecho para sua saga.

Vladimir Carvalho

Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes, Ronaldo Duque e Joatarres Camargo preparam filmes de longa-metragem, que devem chegar ao circuito dos festivais, até março do próximo ano. Vladimir conta a aga da construção de Brasília em "onterrâneos Velhos de Guerra". Geralo filma a procissão do fogaréu em Goiás Velho, com Paulo José. Duque narr episódios da Guerrilha do Araguaia, e "Xambioá". Camargo discute o consumismo em "Admiráveis, Abomináveis"

ARQUIVO

Aluísio Batata: a lembrança em Dívida Paga com Sangue